



Documentário A Conquista¹

Julherme José PIRES²

Camila Dourani de ARRUDA³

Erico ASSIS⁴

Universidade Comunitária da Região de Chapecó, Chapecó, SC

RESUMO

Uma linha tênue separa a Chapecó da década de 1950 e a atual. O roteiro do documentário "A Conquista"⁵ consiste na estruturação ensaística de uma análise social sobre a história e o presente do município. É uma crítica sobre como o poder construído na cidade gera uma série de incoerências enraizadas na cultura popular desde os tempos de colonização do branco, com a expulsão dos antigos moradores. A linha de pesquisa prestigiada pelo roteiro perpassa momentos históricos importantes para esta compreensão. Passa pelo linchamento dos cinco presos, o desenvolvimento industrial, até os conflitos políticos e sociais da atualidade. É ainda, uma peça que promove a experimentação em audiovisual e a discussão de linguagens.

PALAVRAS-CHAVE: cinema; documentário; política; história; chapecó.

1 INTRODUÇÃO

Além de uma história delicada, recheada de fatos obscuros e, muitas vezes, subestimados, Chapecó possui uma riqueza cultural heterogênea. Mas é também uma terra de invisibilidades, de distorção de valores, de incoerências sóciopolíticas extremistas e desigualdades latentes. É uma cidade que ainda se recupera do impacto do linchamento nos anos 50 e que mantém vivas tradições perigosas, como se o povoamento ainda estivesse em processo. Só que ao invés da terra, o objeto da colonização hoje é o território das ideias, da própria população.

O Documentário "A Conquista" vem para desencobrir esse debate em essência, com o

¹ Trabalho submetido ao XXI Prêmio Expocom 2014, na Categoria Cinema e Audiovisual, modalidade Roteiro de Não Ficção.

² Aluno líder do grupo e bacharel em Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo, email: julherme@unochapeco.edu.br.

³ Bacharel em Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo, email: camiarruda@unochapeco.edu.br.

⁴ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo, email: ericoassis@gmail.com.

⁵ Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=5mmAlvL7cAU>>.



auxílio de um grande resgate histórico, através de entrevistas, imagens fotográficas e em movimento e outros lances, que podem passar despercebidos, mas que estão ali contando histórias e construindo o imaginário. É trazer à tona os assuntos que mais interessam do ponto de vista público, democrático, libertário... O que vêm ao encontro do papel do jornalista. Este profissional tem uma importância fundamental no processo sóciopolítico que vai além da formação de opinião, transpassa a educação, chegando à posição de grande vigia, de olho nas questões que mais fazem a diferença na vida de sua comunidade e participante ativo da construção ideológica e cultural de toda ela.

Mas, também, documentário é uma obra artística. Por isso, o filme traz uma montagem que foge da objetividade de uma reportagem, uma fotografia que muitas vezes não é neutra, a música não é apenas um complemento, mas se torna elemento essencial na construção da narrativa e outras questões estéticas vêm a ser tão importantes quanto o próprio conteúdo textual ou discursado na superfície. A enunciação, a segunda, terceira, quartas linhas ou camadas são acrescentadas para tornarem a obra uma complexidade por si, justamente porque o tema é complexo, pois a cidade é complexa.

Em projetos de longa-metragem de grande produção, a partir de sua idealização até o seu lançamento, o trabalho costuma durar pelo menos um ano. Esse tempo de amadurecimento do projeto foi fundamental para a compreensão das funções do filme a ser construído. E neste processo de incubação, as mudanças no roteiro naturalmente o enriqueceram. As inovações foram criadas justamente para gerar um ambiente para enriquecimento cultural e artístico do público.

2 OBJETIVO

O Projeto Experimental "A Conquista" foi pensado inicialmente para discutir questões sociológicas de nível global, referentes principalmente à contemporaneidade e seus efeitos sobre a população mundial. No entanto, quando as primeiras pesquisas, que envolveram autores das mais variadas áreas, se chocaram com autores locais sobre o desenvolvimento do município de Chapecó, abriu-se uma oportunidade latente. Finalmente, pode-se ver claramente as ideias de teóricos como Zygmunt Bauman, da sociologia, aplicadas as de Monica Hass, da história. Com essa aproximação



ao local, gerou-se objetivos voltados à desmitificação da Chapecó da atualidade, como ela se constitui hoje e por quê.

Quando a proposta ementária ficou pronta, a conclusão concebida foi de que um documentário de longa-metragem, até então inédito – a produção e a história – seria o mais viável e traria o maior resultado de alcance, sendo que o audiovisual está entre as mídias de maior consumo no Brasil. O roteiro começou a ser criado com objetivos específicos: as técnicas cinematográficas para ir em busca de reflexões acerca do ser humano e sua relação com a dominação contemporânea; aprofundar e contextualizar a discussão social acerca dos meios utilizados para a dominação social; instigar a reflexão social acerca do tema; aproximar técnicas artísticas ao filme de não ficção.

Mais do que um grande estudo histórico, o roteiro de "A Conquista" foi produzido para discutir linguagem. Como esse documentário poderia também contribuir com os estudos em linguagem e na inovação? Foi uma questão que ficou inserida entre nos objetivos do projeto. O roteiro, então, passou por tratamentos focados em se diferenciar e buscar sua própria personalidade. Como também é um produto contemporâneo, produzido dentro da academia, tem o papel de desenvolver novas técnicas e buscar novas nuances conceituais dentro dos campos audiovisual e jornalístico.

3 JUSTIFICATIVA

Neste momento de transição entre tecnologias, conceitos e linguagens, a comunicação e os produtores de conteúdo precisam reinventar. Pensar em novas perspectivas de desenvolvimento tem importância ilimitada quando se trata do interesse público e do alcance de resultados qualitativos e quantitativos. É preciso, portanto, experimentar. Desenvolver e aprimorar também são verbos bem-vindos neste processo.

Dar voz aqueles que raramente a tem em veículos de comunicação tradicionais e abrir espaço para o aprofundamento da análise contemporânea se fazem necessários neste período de grande tensão democrática no Brasil e no mundo. A intenção de debater ideias justifica a escolha do documentário. Para Penafria (2001, p. 8) "o documentário é sobre momentos mais profundos



que se encontram sob as imagens que vemos". Um dos princípios deste projeto é descortinar um universo que não é visto, temas que não são refletidos na comunicação social.

O roteiro de "A Conquista" é um convite a olhar além do que está estabelecido como verdade, como senso comum, como superficial. Um dos alicerces deste projeto é a crença de que o conhecimento acerca das coisas liberta e transforma. De acordo com Penafria (2001), uma das principais funções do documentarismo é promover a discussão sobre o nosso próprio mundo. Ela destaca que o documentário tem a intenção de confrontar-nos, como documentarista e sociedade.

Como uma forma de aproximar a teoria da prática social, o roteiro abordou a dominação social, nas diferentes instâncias, a partir do fio condutor da história local, formação das elites e classes sociais em Chapecó. Embora existam livros que abordem o tema, percebe-se uma carência de produtos audiovisuais que, através de suas especificidades técnicas artísticas, consigam construir representações acerca da temática. Desde o linchamento de 1950 até a morte de um vereador em 2011, a história chapecoense é marcada por situações onde o poder subjulgou classes, opiniões e vidas. Hass (2013) enfoca o perfil oligárquico e conservador da formação dos partidos políticos no município.

Além de ocupar os postos estratégicos da estrutura social, monopolizando a direção dos órgãos públicos estaduais, federais e municipais, das entidades de assistência social e das associações de classe, através dos quais decidia os assuntos importantes da comunidade, a elite promovia bailes, festas sociais, religiosas e cívicas. Os seus nomes também estavam sempre em evidência no jornal e na rádio, que na realidade pertenciam a eles, bem como nas conversas dos bares e esquinas (Hass, 2013, p. 49).

A problemática atual em tratar desse tipo de assunto é despertar o interesse de reflexão e debate em uma sociedade que não se permite diminuir a velocidade. As informações são rápidas, o jornalismo é instantâneo, a exigência por resultados é imediata, tudo isso contribui para a reprodução de opiniões sem contexto e rasas noções de mundo. Para Ribeiro e Moreira (2009), uma questão fundamental do documentário é a capacidade que ele tem em produzir uma série de interpretações, conhecimentos e multiplicações de pontos de vista. Destacam ainda, a capacidade que o documentário tem de interferir, de criar questionamentos e de deslocar a sociedade do senso comum para identificações variadas.

Um filme de longa-metragem foi escolhido pela inexistência de produtos audiovisuais desta



natureza no acervo de projetos experimentais do curso de Jornalismo da Unochapecó e pela escassa produção deste modelo cinematográfico na região de Chapecó. A academia pode contribuir com o debate social através do conhecimento gerado em sala de aula, justamente onde muitos alicerces deste projeto foram construídos, sobretudo, em disciplinas como Comunicação Comparada e Jornalismo Literário. Noutra ponta, propor debates sociológicos dentro de um documentário de longa-metragem é viável em uma narrativa que na essência compromete-se com a revelação de múltiplos pontos de vista com compromisso ético e social. Torna-se ainda mais importante em uma cidade em que os mesmos assuntos são silenciados desde o início do século passado.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

A pesquisa começou a partir do fato conhecido como "o linchamento", que aconteceu em 1950, e suas confluências. Conhecimento obtido através do livro de Hass (2013), única pesquisa científica publicada sobre o evento, e de algumas entrevistas, inclusive com a autora. Depois desse primeiro estudo, o desafio passou a ser a construção de um roteiro que se sobressaísse a uma mera adaptação. Bernard (2008) defende que a maneira de fugir de uma narrativa de repetição é ir além das perguntas. Após entender o contexto social e político chapecoense antes e durante o linchamento, a pesquisa voltou-se a reconhecer resquícios deste mesmo modelo de sociedade na atualidade.

Bernard (2008) explica que os documentários devem buscar sair do puro entretenimento para conduzir seu público a um nível de experimentação, tanto da imaginação, quanto do pensamento crítico, mais concreto. "Um bom documentário confunde nossas expectativas, impele fronteiras para mais além e nos leva a mundos – tanto mundos literais como os das ideias – que até então não imaginávamos" (BERNARD, 2008, p. 4). É justamente nessa direção que todos os esforços de construção do roteiro foram calcados. Não apenas um ensaio padrão, o roteiro de "A Conquista" lida com múltiplas estéticas.

Sobretudo, porque, como Nichols (2005) entende, as questões tratadas pelo documentários são invisíveis, embora mostremos fatos, as reflexões e conexões acontecem no campo das ideias. Cabe ao realizador materializar de alguma forma, já que se trata de um audiovisual. Além disso,



esta é uma história complexa e com muitos desfechos que estão longe do conhecimento geral. Assuntos que sutilmente, por escolha de poderes dominantes, foram escondidos.

É importante destacar que o roteiro não foi construído considerando a possibilidade de dar todas as respostas que permeiam esta instigante história e sim gerar reflexões, estimular o questionamento e o aprofundamento do conhecimento sobre o que até então esteve fora da conversa popular.

O roteiro basicamente implicou em descrever os passos discursivos que poderiam criar as condições de entendimento da ideia governante do filme. O roteiro em documentário não contém as mesmas propriedades de um filme de ficção, mas sua necessidade é indispensável.

[...] mesmo os cineastas mais comprometidos com a *verité* elaboram um plano para a narrativa. Pode haver exceções, mas em geral os que fazem as tomadas antes e tentam imaginar a história depois correm o risco de perder completamente o fio da história, ou perceber, já na ilha de edição, que não filmaram os elementos de que necessitavam para contar a história que eles então, naquele momento, percebem que gostariam de contar (BERNARD, 2008, p. 8).

Para alcançar esse nível de contextualização e produção foi necessário muito debate e planos estratégicos. O planejamento semanal, durante o ano de 2013, gerava uma atualização constante das planilhas de produção e da linha de roteiro que era construída a cada etapa de pesquisa. Isso foi fundamental para o resultado final, visto os perigos de encarmos o niilismo ou nos perdermos numa confusão de informações e pontos de vista sem sentido.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O roteiro de "A Conquista" contém 14 páginas, incluindo cronograma, e gerou o filme de 90 minutos aproximadamente. Seu período de realização foi de fevereiro de 2013 até os momentos finais da edição do filme, em novembro do mesmo ano.

Documentário é cinema e cinema é arte. O roteiro de "A Conquista" foi criado com um grande nível de sinceridade, pois só assim uma obra pode ser considerada plenamente verdadeira. É assim que funciona a relação entre artista e seu público. Para Tarkovski (1998) "o objetivo da arte é preparar uma pessoa para a morte, arar e cultivar sua alma tornando-a capaz de voltar-se para



o bem. Ao se emocionar com a uma obra-prima uma pessoa começa a ouvir em si própria aquele mesmo chamado da verdade que levou o artista a criá-la". O roteiro, objeto deste paper, busca ultrapassar os limites do documentário tradicional e inovar com a mistura de linguagens e conceitos.

A subjetividade capaz de ser representada pelo cinema é justamente um dos pilares conceituais escolhido para o filme. O principal tema do filme é a dominação social. Entende-se que qualquer sociedade, para que não torne-se caótica, necessita de uma organização com níveis de poder. Porém, segundo Lopez (2001), a dominação acontece quando quem exerce o poder subjulga o outro através deste exercício. As relações sociais sempre tiveram manifestações de poder e domínio, seja pela exploração do trabalho, da escravidão, ou da imposição da figura masculina em detrimento da feminina.

Diante do alto volume de transformações sociais, e partindo da conceituação de Nichols (2005) de que o documentário é sempre uma representação, propôs-se abordar a dominação social com um caráter contemporâneo, saindo da academia e buscando, no cotidiano social, representar auditiva e visualmente os meios que constroem as teias da dominação social, desde as mais explícitas, fruto geralmente das condições econômicas, como a exploração do trabalho, passando pela dominação cultural, até chegar na dominação simbólica, conceito de Bourdieu (1989).

A opção por não utilizar a *voz off* de um narrador se deu pela consideração de que em muitos momentos, esta narração poderia fazer uso da voz dos entrevistados apenas para legitimar certa opinião. A intenção foi tornar os entrevistados e as histórias que compõem a grande história de "A Conquista" sujeitos do discurso. "A voz do locutor é diferente. É voz única, enquanto os entrevistados são muitos" (BERNARDET, 2003, p. 16).

Como principal potencial do documentário, segundo Ramos (2008), é singularizar personagens dando corpo às asserções. A voz do documentário, ou seja, a transmissão do ponto de vista social, como fala o documentário, é pautada em entrevistas que olham para trás e fazem um paralelo com o que se configura como sociedade chapecoense na atualidade. As entrevistas são utilizadas como *voz off*, ou seja, a situação em que a fala dos personagens é usada como narração, enquanto na montagem utiliza-se outras imagens. Esta é uma tendência que Lins e Mesquita (2008) consideram um traço recorrente em documentários contemporâneos analisados por elas.

Buscou-se, então, na produção do roteiro, já com a montagem em mente, um encadeamento



dos capítulos do filme, não significando necessariamente a ligação entre as pequenas sequências que compõe a narrativa, mas que façam jus ao seu conteúdo completo final. Além de embasar teoricamente e cientificamente o filme a partir do relato de fontes especializadas, buscou-se dar voz no documentário para atores sociais que de alguma forma evidenciam as questões problematizadas pelos momentos de reflexão do filme. Trata-se de uma grande linha do tempo heterogênea sobre Chapecó dando destaque para aspectos fundamentais da cultura social da cidade. É como se a história do município fosse a árvore principal do filme. Dentro dela, porém, foi-se construindo outros ramos, personagens e reflexões que levam ao aprofundamento do entendimento desta grande protagonista: a cidade de Chapecó.

McKee (2006) acredita que dimensão de um personagem nada mais é que contradição. E ele só acredita nisso porque é assim na vida, as pessoas são contraditórias, medidas em dilemas o tempo todo. Um dos maiores exemplos de como a partir do roteiro conseguiu-se atingir a dimensionalidade da história e dos personagens, foi através da sequência de Ivete, já no filme, em que o tempo ficou ali cristalizado para evidenciar suas contradições em relação a cidade. Por um lado, ela acredita que Chapecó é a melhor cidade do mundo para se viver, por outro ela vive todos os dias refém dos problemas e das calamidades públicas. Ou seja, basta um empurrão, mesmo através de perguntas inseridas no roteiro, para gerar autoconhecimento e desenterrar verdadeiros pontos de vista.

6 CONSIDERAÇÕES

Produzir "A Conquista" foi a maior experiência acadêmica prática durante todo nosso tempo na universidade. Muito além disso, foi o maior desafio. A colonização, o linchamento e o tom progressista das mensagens institucionais são elementos esquecidos, escondidos e codificados (respectivamente). Foi difícil, primeiramente, compreendê-los. Mais tarde, seria difícil explicá-los. Trata-se de um quebra-cabeças e tanto para ser montado. E o pior é que a elite, os governos e boa parte da população não quer saber disso. Essa questão, inclusive, é parte fundamental do filme.

Para realizar o roteiro e depois propriamente o filme, a equipe lidou com questões extremamente complexas, que têm muito a ver com dominação e poderes instituídos, sob riscos



judiciais, outrora. Essa pressão sob a importância do conteúdo e até o risco de gerar o próprio objeto de nossa atenção – a violência – foi positiva para a vivência acadêmica, porque é fundamental para o jornalismo ampliar seus conceitos e a trabalhar sob a perspectiva direta do interesse público.

O documentário é uma amostra de que mesmo o poder econômico não consegue frear todas as iniciativas populares de enfrentamento ao que "está posto". O filme é um embate com as ideias fixas, a falta de discussão, o silenciamento, a ignorância e a própria violência. A expectativa é que ele venha a ser referência em estudos relacionados a história e a atualidade de Chapecó, em todos os níveis de ensino e – por que não? – fora das instituições, nas comunidades, nas casas do centro e da periferia.

Este filme é de certa forma um grito dos que foram silenciados. Assim, como os personagens, sonhamos com um futuro mais digno e respeitoso para a cidade e seus habitantes. Este desejo está presente em casa centímetro da narrativa. Em nenhum momento há a hipocrisia da "imparcialidade". É um recorte, são pontos de vista. Usou-se a pluralidade de olhares sim, como maior força narrativa e, sim, eles dizem muito sobre Chapecó. Para Ivete da Silva Conceição, "melhor cidade para se morar e trabalhar, impossível". Isso diz muito sobre como o "projeto progressista" realmente influencia no modo de as pessoas pensarem. Mesmo assim, elas têm consciência do seu redor. Monica Hass comenta que a comunidade tem o reconhecimento de que o caso Marcelino Chiarello se trata de um crime político.

Essas nuances culturais vão recheando o filme. Poderia ter sido muito fácil trabalhar apenas com os fatos objetivos (Colonização - Linchamento - Chiarello), mas para entender essa constituição "à moda chapecoense" é preciso mergulhar em seus interiores, em seus lados mais obscuros, na suas produções culturais mais remotas. É preciso olhar para suas incoerências e suas limitações. É preciso sair do campo teórico para mergulhar no que se materializou nessa comunidade, que em poucos anos terá seu centenário oficial reconhecido e que ultrapassa em 2014 a marca de 200 mil habitantes. Há nesta modernidade líquida chapecoense uma mensagem muito implícita, uma dominação simbólica escancarada pelo filme. Ao longo de quase uma hora e meia, retirada de um roteiro com cerca de três mil e quinhentas palavras, há um retrato dessa cidade algemada por um regime cultural positivista.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- BERNARD, Sheila Curran. **Documentário, técnicas para uma produção de alto impacto**. Tradução de Saulo Krieger, 2ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.
- BERNADET, Jean-Claude. **O que é cinema**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.
- PENAFRIA, Manuela. **O ponto de vista no filme documentário**. Universidade da Beira Interior: 2001. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/penafria-manuela-ponto-vista-doc.pdf>>. Acesso em 18 Abr. 2013.
- HASS, Monica. **O Linchamento que muitos querem esquecer**. 3ª edição. Chapecó: Argos, 2013.
- _____. **Os partidos políticos e a elite chapecoense: um estudo de poder local - 1945-1965**. Chapecó: Argos, 2000.
- LOPEZ, Fábio López. **Poder e Domínio: uma visão anarquista**. Rio de Janeiro: Achiamé, 2001.
- LINS, Consuelo; MESQUITA, Cláudia. **Filmar o real: sobre o documentário contemporâneo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- MCKEE, Robert. **Story: substância, estrutura, estilo e os princípios da escrita de roteiros**. Curitiba: Arte & Letra, 2006.
- MOREIRA, Rejane Mattos. RIBEIRO, Carolina Maciel. **Documentário e Comunicação: Construção de Possibilidades**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – Rio de Janeiro – 2009.
- NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Campinas: Papyrus, 2005.
- RAMOS, Fernão Pessoa. **Mas afinal... o que é mesmo documentário?** São Paulo: Senac/SP, 2008.
- TARKOVSKI, Andrei. **Esculpir o tempo**. 2.ed - São Paulo: Martins Fontes, 1998.